

A Construção Discursiva das Personagens Femininas em *As Velhas*

[Gisane Souza Santana](#)*

*Era necessário deixar um pouco de lado os
alfinetes e os bordados que impregnavam
a vida feminina e tentar tecer outros
rendados históricos em busca
de certos ideais*

Elizabeth Siqueira

Resumo

Este estudo apresenta uma análise sobre a questão identitária e cultural da mulher da nação grapiúna, a partir da obra *As Velhas*, de Adonias Filho. Tal romance está centralizado em quatro personagens femininas: Tari Januária, Zefa Cinco, Zonga e Lina de Todos. Com base em MOREIRA2003; SACRAMENTO, 2004; SANTIAGO,2000 e HALL,1999, foram observados os aspectos da construção discursiva destas personagens, procurando delinear o perfil de cada uma delas. Desse modo, o estudo se propõe a contribuir para a discussão sobre a representação do papel da mulher na implantação da lavoura cacaueteira no Sul da Bahia.

Palavras-chave: questão identitária, questão cultural, mulher

Abstract

This study it presents an analysis on the identitária and cultural question of the woman of the nation grapiúna, from the workmanship the Old ones, of Adonias Son. Such romance is centered in four feminine personages: Tari Januária, Zefa Cinco, Zonga and Lina de Todos. On the basis of MOREIRA2003; SACRAMENTO, 2004; SANTIAGO, 2000 and HALL, 1999, had been observed the aspects of the discursiva construction of these personages, looking for delinear profile of each one delas. Desse way, the study if it considers to contribute for the quarrel on the representation of the paper of the woman in the implantation of the cacaueteira farming in the South of the Bahia.

Words-key: identitária question, cultural question, woman

* Discente do Curso de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz -UESC. Pesquisadora de Iniciação Científica do Projeto **A construção de uma identidade feminina em obras ficcionais de Adonias Filho e Jorge Amado**/PIBIC/CNPQ. Integrante do Grupo de Pesquisa Identidade Culturais e Expressões Regionais –ICER- consolidado pelo CNPq.

Considerações iniciais

O século XVII caracterizou-se como o século da história das mulheres, apesar de, nessa caracterização, o espaço da mulher continuar limitado. Aos homens cabia, o espaço público e tudo que era dessa esfera, ao passo que às mulheres era destinada a esfera do privado ou do restrito. Desse modo, competia-lhes tudo o que dizia respeito ao doméstico, à casa, ao lar; sendo por isso chamadas de *anjos do lar*. Observa-se a predominância do discurso machista, uma vez que a mulher ocupa uma posição subalterna em relação ao homem. Mesmo no início do século XX, data provável em que já se esboçava um discurso feminista, redefinindo a questão do gênero, a condição feminina continuava sendo, predominantemente, a de *rainha do lar*.

O objetivo desse trabalho é analisar aspectos da construção discursiva das personagens Tari Januária, Zefa Cinco, Zonga e Lina de Todos, no romance *As Velhas*, de Adonias Filho. Tal estudo se propõe a contribuir para a discussão sobre a representação do papel da mulher na implantação da lavoura cacaueteira no Sul da Bahia.

Formação discursiva e suas implicações com o literário

O narrador de *As Velhas* apresenta Tari Januária, em sua infância e juventude, submetida a uma dominação machista, típica da cultura daquela época, a fase de desbravamento das matas, para o plantio do cacau: “Sozinha, morto o pai e sem a minha gente, me agarrei a Pedro Cobra. *Fui uma cachorra a segui-lo, andando ou correndo, sempre atrás dele no caminho de volta*”, “[...] ele na frente e eu atrás como um rabo” (ADONIAS FILHO, 1979, p.13 e 20)³.

Nessa cultura, a mulher sai do domínio do pai, para se submeter ao domínio de outro homem - o marido-

[...] O destino da mulher era o casamento e a maternidade; atribuições, ou melhor, funções que em nada mudavam a condição feminina, uma vez que a mulher continuava tutelada pelo marido e mantida como uma “menor”, “uma marginalizada” diante do poder constituído. (MOREIRA,2003, p.52)

Entretanto, ao longo do tempo, sua relação com o marido vai se tornando mais igualitária e menos violenta:

Me lembro da labuta dele, Pedro Cobra, para ensinar as coisas dos brancos. Noite com a fogueira queimando lá fora e aqui dentro o fogo[...] *me ensinou a comer sal, usar vestido, falar como ele, atirar de rifle e não mais me pintar com o vermelho do urucum e o preto de jenipapo*”. (ADONIAS FILHO, 1970, p.20)⁴

Nessa fase intermediária, apesar de receber do marido uma atenção maior, numa relação de ensino-aprendizagem, ela ocupa o papel subalterno de aluna, enquanto Pedro Cobra é o professor. A contribuição da cultura indígena na identidade regional “é silenciada”, uma vez que Tari Januária assimila a cultura européia, a cultura do colonizador: “comer sal, usar vestido, falar como ele, atirar de rifle”, ao mesmo tempo em que nega sua própria cultura: “não mais me pintar com o vermelho do urucum e o preto de jenipapo”. Toda a contribuição indígena à cultura grapiúna não é levada em conta pelo narrador e através da voz de Tari Januária: “me ensinou a comer sal, usar vestido, falar como ele, atirar de rifle e não mais me pintar com o vermelho do urucum e o preto de jenipapo”, este lugar, ou melhor, este *não-lugar*, ocupado pela cultura indígena se faz presente.

(...) o processo colonial intentava promover o *esquecimento* das referências locais e no vazio restante instaurar a *lembrança*, não do *passado* do colonizado, antes os feitos do colonizador,

³ grifo nosso

⁴ grifo nosso

tal como ocorre com Iracema, que nega sua cultura, seus antepassados, pelo fato de ser depositária do segredo da jurema. (SACRAMENTO, 2004, p. 113)

Dessa forma, o narrador de *As Velhas* promove o esquecimento das referências indígenas regionais, ao mesmo tempo, em que instaura a lembrança do desbravador, que se tornará, mais tarde, o *coronel*, da cultura grapiúna. Observa-se, portanto, uma continuidade no discurso identitário regional, entre os autores Adonias e Jorge Amado. O primeiro destaca a figura do desbravador, com seu rifle, e o segundo retoma essa mesma figura, já sob a forma do *coronel* do cacau, à frente dos jagunços armados.

A personagem Tari Januária, depois de uma adolescência violentada e de uma fase em que é tratada como subalterna, finalmente, na velhice, adquire um *status* de mulher independente, dura, autoritária, dando ordens ao filho homem: “ – Vá, Tonho Beré, calcule o terreno. Eu quero os ossos!” (*op. cit.* p. 5). Ocupando o lugar do marido morto, ela passa a desempenhar o papel de mulher e de homem, numa posição de *matriarca* da família. Assim, a construção discursiva da índia Tari Januária se articula em torno de três momentos: adolescente violentada, aluna subalterna e matriarca autoritária.

Ao contrário, a personagem Zefa Cinco é apresentada pelo narrador, numa visão feminista de igualdade de direitos e deveres entre homem e mulher: “se Deus fez, o diabo juntou Chico Paturi e Zefa Cinco. Unha e carne de tão agarrados, duros na labuta, fizeram um pouco de tudo” (*Idem*, p. 49).

A relação de Zefa Cinco com o marido é apresentada sem qualquer marca de dominação do homem: “Unha e carne de tão agarrados”. O trabalho na roça e o cuidado com os animais domésticos eram compartilhados pelo casal: “(...) duros na labuta, fizeram um pouco de tudo”. O casamento para ela não significou passar do domínio do pai para o do marido, mas foi uma simples *troca*: “Era ainda muito moça, pois acabara de fazer dezoito anos quando trocou pai e mãe por um homem[...]” (*Idem*, p.50).

A relação feminista de igualdade com o homem, marca Zefa Cinco desde o tempo em que vivia com o pai:

Zefa não perdia tiro. Aprendera a tirar com o pai firme o olhar nos jagunços, a pontaria infalível. Dois já atingira na cabeça quando ouviu o grito de Quintino. Voltou-se e viu que o menino gemia, estrebuchando, numa poça de sangue. Quintino, o menino! Agonizava, balas no peito, sofria muito. Ela cortou aquela dor atirando no coração do menino, aquele Quintino, atirando com o olhar seco e tudo em menos de um segundo. (*Idem*, p.47)

Em vez da dominação dos homens, Zefa Cinco torna-se quase um deles: “não perdia tiro”, “pontaria infalível”, “Ela cortou aquela dor atirando no coração do menino”. A violência masculina, no entanto, não extingue a ternura e o amor de mãe: “Tiveram filhos, dois meninos e, anos depois, uma menina.” (*Idem*, p. 50). Mas a vingança pela morte dos filhos faz ressurgir nela toda a violência selvagem dos homens desbravadores: “Zefa Cinco, com as próprias mãos, retalhou Pedro Cobra até a morte. Fez com ele o que as onças fizeram com os filhos dela” (*Idem*, p. 53). Tem-se, portanto, uma personagem feminina, que representa a não-linearidade, a quebra de paradigma e preceitos, porque reivindica, para si, a mudança e vivencia a transição de um estado de limitações para abrangência de possibilidades.

Zonga é uma personagem feminina e negra, talvez por essa condição, esteja próxima da submissão ao homem. O casamento deu-se mais por circunstância do que por escolha amorosa: “Coé nasceu comigo e, todos os dias juntos teria mesmo que acabar sendo a mulher dele” (*Idem*, p. 87). Morto o marido, chega a sentir algo “diferente” por outro homem, mas apenas segue-lhe passiva:

Me levou mato adentro, fez uma fogueira- ‘a nossa fogueira’- ele disse- e nos deitamos na terra que a relva cobria como uma pele de carneiro curtido. Não sei ainda hoje se o calor vinha das chamas ou do corpo dele. Lembro que, depois de acariciar meu rosto com as mãos e me beijou a boca, me lembro que falou como se fosse uma criança [...] *Idem*, p. 88)

Mesmo depois de velha, quando algumas mulheres alcançam maior independência e autonomia, Zonga continua paciente e bondosa, traços que podem disfarçar a submissão dócil feminina: “Ninguém mais tem paciência com as pessoas, devoção pelos santos e bondade com os bichos que Zonga [...] A negra alta de quase dois metros, velha de oitenta anos, magra de mostrar o esqueleto, sempre com a calma no rosto e a voz macia, [...], *não ordena, pede*” (*Idem*, p. 67).

Zonga é, portanto, das personagens femininas de *As Velhas*, a mais submissa à cultura machista da época do desbravamento da região cacauzeira.

Os sonhos, as ambições, os projetos de vida pessoal fermentavam dentro da mulher, no entanto, não podiam ir além do seu destino de fêmea. A atuação fora do lar, da casa era desvalorizada, ao máximo, era revalorizada a sua feminilidade e, é claro, a sua maternidade, como se participar da construção da sociedade fosse algo incompatível com sua condição de mulher. (BADINTER, 1985, p. 32)

Até a lembrança do único homem que *reparara* assume a forma de um sonho distante, além do que considera ser seu próprio destino.

Lina de Todos, por outro lado, aceita a condição inferior feminina para, num segundo momento, tirar vantagem dessa situação, fazendo a dominação machista funcionar contra os próprios homens. No momento em que ela se coloca contrária à atitude do marido que a aposta em um jogo: “O Raposa já não tinha o que apostar. Foi então que, querendo recuperar o perdido, exclamou com os olhos fora da cara: - Jogo minha mulher!” (*Idem*, p.101).

Lina passa a se comportar como se fosse um homem; revertendo posições de mando, distanciadas, portanto, das relações estabelecidas naquela sociedade agrária. “-Então sou mula para você servir de aposta? – a cólera a dominava, sem dúvida, mas foi sem perder a calma que disse (*Idem*,p.102).

A princípio, fica a recusa ao discurso machista, levado às últimas consequências. Ela, no entanto, submete-se à dominação, fazendo com que ela funcione a seu favor:

Os homens que ali estavam conheceram Lina de Todos naquele minuto e sua fama começou naquela tarde[...]

Ele me pôs nos dados, o safado!

E vendo os homens excitados em frente, cada um dando o que pedisse para apertá-la nos braços, soube que podia usar eles como quisesse. Buscou esconder a raiva e, abaixando-se um pouco para mostrar os seios, forçou o riso que alegrou o semblante.[...]E foi a apontar o Raposa que disse:

- Já não sou mais dele porque me jogou nos dados. Não serei apenas de Zebeleu!

- Serei de todos! – exclamou, gritando, a ordenar - Matem o Raposa, agora, com as mãos ou a achado, que serei de todos! “(*Idem* p.102)

O modo como se submete ao machismo e dele tira vantagens encontra-se na citação abaixo:

Era de qualquer um , ou de todos, o corpo trocava por serviços na terra que possuía. Cada plantio novo de cacau teve suor de homem como adubo.

Vivia com um homem o tempo certo de pegar barriga. [...]

Não se deve ter apego a homem nenhum. Apego somente aos filhos.

- Não quis mais donos- ela disse, os olhinhos quase fechados parecia cochilar- o homem a quem dei o corpo e a alma, o Raposa, acabou me apostando no jogo (*Idem*, p.115)

O fato de não querer mais ligar-se apenas a um homem não é um protesto contra a condição feminina, mas é exatamente sua aceitação para dela beneficiar-se.

Considerações finais

Desde os tempos mais remotos, o homem sempre foi aquele que reinou com hegemonia em seu lar, em seu grupo social e até mesmo na sociedade da qual fez parte. O seu discurso machista sempre foi levado a sério, suas ordens e leis obedecidas. Entretanto, é a partir do século XX que a relação de poder homem *versus* mulher passa a ser descaracterizada, ou seja, a mulher não aceita está na posição de um ser submisso. Nesse século o discurso da mulher torna-se mais *heterogêneo*, ela não aceita mais a condição de ser apenas a rainha do lar. A mulher deseja fazer parte do meio social em que habita, de expor suas idéias, suas opiniões e até ter uma profissão e seu discurso legitimado.

Mas, apesar da predominância desse discurso machista, as personagens femininas de *As velhas* ganham em suas reivindicações certa heterogeneidade. O discurso da índia Tari Januária perpassa por três momentos distintos: adolescente violentada, mulher subalterna e matriarca autoritária; em Zefa Cinco há uma relação igualitária de poder, não apresentado nenhuma marca de dominação; Zonga se caracterizou a personagem mais submissa à cultura machista e, por fim Lina de Todos que se submete à dominação para dela tirar proveito.

REFERÊNCIAS

ADONIAS FILHO. **As velhas**. São Paulo: DIFEL,1982.

_____. **Sul da Bahia: chão de cacau**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1978

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1985.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **A condição feminina: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB,2003.

SACRAMENTO, Sandra M. P do. **Nação, identidade e gênero na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.